

Os Usos da Imagem nas Ciências Sociais

Maria Teresa Villela Bandeira de Mello

Desafios da Imagem

Organizado por Bela Feldman-Bianco e Míriam L. Moreira Leite.

São Paulo, Editora Papyrus, 1998.

Os anos 1980 foram promissores e produtivos para as ciências sociais e humanas. A conhecida “crise dos paradigmas” redimensionou as metodologias e as técnicas predominantes no campo das ciências humanas, fazendo com que os cientistas sociais percebessem os limites do alcance interpretativo dos modelos dominantes e buscassem alternativas. Um dos aspectos dessa crise foi o reconhecimento da distância que separava as ciências sociais da discussão sobre as formas de representação da visualidade contemporânea e dos avanços das novas tecnologias de comunicação e produção de suportes imagéticos.

Este reconhecimento promoveu o desenvolvimento da discussão em torno das novas bases teóricas e epistemológicas das ciências sociais a partir da incorporação de novos temas, novos objetos e novas estratégias no campo de conhecimento dos cientistas sociais e historiadores. Como decorrência, verificou-se um crescimento significativo de pesquisas e publicações cujo objeto de

reflexão vincula-se à utilização de imagens, sob os mais variados suportes, nas ciências sociais.

O livro *Desafios da imagem*, organizado por Bela Feldman-Bianco e Míriam Moreira Leite, insere-se nessa busca de renovação do campo das ciências sociais e humanas. Resultado de interlocuções transdisciplinares, realizadas no Brasil, sobre a utilização de iconografia, fotografia, cinema e vídeo tanto como instrumento quanto como tema ou produto de pesquisa, o livro é uma coletânea na qual os autores buscam refletir criticamente sobre o cruzamento entre as ciências sociais e a linguagem visual na atualidade.

O duplo reconhecimento da importância das culturas visuais no mundo contemporâneo e da necessidade de aprender a “ler”, produzir e interpretar criticamente as diferentes linguagens visuais, fornece o eixo central em torno do qual se articulam os 15 artigos que integram o livro.

Em busca de novas perspectivas teórico-metodológicas, faz-se um questionamento da tendência de construir o conhecimento por meio de modelos e classificações e de utilizar a dimensão imagética como documento da “realidade objetiva” ou como mera ilustração de textos verbais. Ao invés do simples registro e da documentação visual do “instantâneo da experiência”, ressalta-se a importância de dedicar maior atenção aos significados culturais engendrados pelas imagens, bem como às formas pelas quais a produção e a leitura dessas imagens são mediadas. Essa nova forma de abordagem transforma a prática de pesquisa. A utilização de linguagens visuais acentua a necessidade de se redefinir as relações entre pesquisadores e seus sujeitos e ajuda a dirimir oposições reducionistas entre subjetividade e objetividade na pesquisa. Em vez da postura neutra do “observador participante”, a pesquisa passa a ser o resultado da interação entre pesquisadores, pesquisados, produtos e contextos históricos (p. 11 e 12).

Dividido em cinco partes, *Desafios da imagem* discute, mapeia e descreve os esforços das ciências sociais para dialogar com a modernização e os avanços técnicos, procurando, na discussão filosófico-conceitual e na experimentação, compatibilizar propostas de pesquisa e suportes técnicos.

Na parte I, “Reflexões sobre a linguagem visual” – a que apresenta maiores contribuições teóricas –, o que há de comum entre os artigos é a problematização das questões interpretativas, a avaliação teórica da incursão das ciências sociais na interface com os suportes contemporâneos e a descrição dos primeiros resultados em termos de definição de fundamentos. Os textos questionam os antigos paradigmas interpretativos, discutindo as mudanças na natureza do olhar e enfatizando as relações entre imagem, visão e compreensão como aquelas que produzem o aprendizado do significado do imagético. Nesse sentido, os textos inserem no processo de interpretação das imagens, além dos contextos históricos específicos, os produtores de imagens, os produtos imagéti-

cos e seus suportes. A tarefa de renovação implica, a partir daí, uma interface com os teóricos da arte que foram os primeiros a colocar o caráter construído e subjetivo do conhecimento.

Em “Sob o signo do ‘clic’: fotografia e história em Walter Benjamin”, Maurício Lissovsky retoma a linha interpretativa de Benjamin, para apresentá-lo como um dos primeiros pensadores a se ocupar da elaboração de uma “teoria da arte” adequada aos tempos da imagem técnica e a avaliar o impacto cultural de sua disseminação. De acordo com o autor, uma observação mais acurada sobre o olhar de Benjamin diante de uma fotografia nos leva a reconhecer, em sua reflexão sobre a imagem técnica, as preocupações do historiador com o que a imagem revela: ao provocar rupturas entre processos e contigüidades históricas, essas imagens forçam fotógrafos, historiadores e espectadores a ler uma totalidade ou idéia. Lissovsky promove, então, uma rediscussão do conceito de aura e de arte, acentuando as mudanças nas relações entre autoria e suportes e indicando a eliminação das barreiras entre a produção da obra de arte e sua recepção no mercado, fazendo com que a reprodutibilidade técnica seja repensada no âmbito da visualidade contemporânea.

No artigo seguinte, “Texto visual e texto verbal”, Míriam Moreira Leite apresenta uma breve descrição da inserção da fotografia no horizonte de preocupações das ciências sociais, com o objetivo de subsidiar suas reflexões em torno da construção e da leitura da iconografia como fonte primária. Dessa forma, a autora busca uma compreensão mais ampla e profunda das formas de análise e de interpretação da imagem fotográfica. O centro das reflexões encontra-se nas relações entre o texto verbal e o visual, sua complementaridade e sua oposição. Sua conclusão é de que embora a linguagem visual seja considerada de transmissão direta, ela acaba tendo uma postura parasitária em relação à linguagem verbal. A identificação de níveis de produção discursiva distintos acaba por manter a autora no espaço da tradição, não identificando o processo de autonomia do texto visual e seu grau de equivalência com o texto verbal.

Com o texto “Questões heurísticas em torno do uso das imagens nas ciências sociais”, Etienne Samain destaca a importância da reflexão sobre as bases culturais e os estatutos diferenciados dos veículos produtores de imagens. O que singulariza o artigo no conjunto da coletânea é a indicação mais pontual de uma alteração do olhar do cientista social na consideração dos suportes imagéticos, especialmente no sentido de não considerá-los como mera ilustração do saber constituído. A partir daí, o autor sugere, como procedimento, a observação dos diversos suportes comunicacionais – fala, escrita, fotos, filmes, vídeos, tv, cd-Rom etc. – para que o pesquisador perceba suas operações cognitivas específicas, que não podem ser confundidas, nem hierarquizadas. Dessa forma, Samain observa que a natureza das imagens varia, e muito, de um meio de comunicação para

outro, de tal maneira que se torna imprescindível saber com que tipo de imagem pretendemos lidar.

Outro aspecto a salientar no artigo de Etienne Samain é que, ao retomar as discussões da história da arte, o autor aponta para uma preocupação com o fato de que atualmente, quando se fala da aproximação entre verbalidade e visualidade, é comum utilizar as expressões linguagem visual, discurso, estilo, gramática e retórica da imagem, reduzindo a visualidade a uma matriz meramente lingüística.

A parte II, “Ler imagens: iconografia e fotografia como objetos de pesquisa”, reúne os trabalhos de Mauro Koury, “Caixões infantis expostos: o problema dos sentimentos na leitura de uma fotografia”, Maria Sylvia Porto Alegre, “Reflexões sobre iconografia etnográfica: por uma hermenêutica visual”, e de Lília K. Moritz Schwarcz, “O olho do rei. As construções iconográficas e simbólicas em torno de um monarca tropical: o imperador D. Pedro II”. Em comum, entre eles, a experiência da interpretação de imagens, atribuindo-lhes o papel de expressões reveladoras do imaginário social. A relevância do conjunto é a caracterização da documentação visual como indicadora de um determinado nível de expectativas, estabelecendo a necessidade de um aprimoramento da maneira de olhar e interpretar a realidade expressa pelas imagens.

Os textos da parte III, “Acervos visuais e ensino”, retratam três experiências distintas de utilização ou de constituição de acervos de imagens como fonte de pesquisa ou de ensino das ciências sociais. Em “No garimpo do nitrato”, Patrícia Monte-Mór contextualiza as aproximações entre cinema e antropologia desde a década de 1950 e relata sua experiência como curadora da Mostra Internacional do Filme Etnográfico para demonstrar a importância da relação entre a constituição de acervos de documentários etnográficos e o ensino das ciências sociais. Já Maria Beatriz Rocha Trindade, em “Imagens e aprendizagens na sociologia e na antropologia”, ressalta a importância da utilização da imagem e de recursos multimídia no processo de aprendizagem à distância, a partir do trabalho desenvolvido pelo Centro de Estudos das Migrações e das Relações Interculturais/CEMRI, da Universidade Aberta de Portugal. Encerrando esta parte, Ana Maria Galano, em “Iniciação à pesquisa com imagens”, descreve a experiência do Núcleo Audiovisual de Documentação/Navedoc, do Laboratório de Pesquisa Social do IFCS/UFRJ na constituição de acervos fotográficos relacionados a projetos de pesquisa que utilizam a fotografia como instrumento ou tema de investigação.

A parte IV, “Produzir imagens: a dimensão imagética como instrumento de pesquisa”, reúne textos que constituem reflexões críticas sobre a necessidade de aprender a observar e interpretar culturas visuais, com base em experiências específicas de produção de imagens fixas ou em movimento durante o processo

de trabalho de campo. Dessa forma, os autores examinam e problematizam questões relacionadas ao processo de produção de conhecimento através da combinação entre o fazer e o pensar, trabalhando a eliminação da diferença entre o pensar teórico e a ação empírica e transformando os artefatos imagéticos em parte constitutiva da prática de pesquisa.

Assim, em “Algumas considerações sobre o uso da imagem fotográfica na pesquisa antropológica”, Luciana Bittencourt procura “analisar as características da imagem fotográfica que possam contribuir para ampliar a compreensão dos processos de simbolização próprios dos universos culturais com os quais os antropólogos se defrontam em suas pesquisa de campo”. Recuperando a discussão sobre o papel da imagem e sua capacidade de registro e de representação do conhecimento antropológico, Bittencourt constata que, na maioria das vezes, o uso da imagem em antropologia restringiu-se ao aspecto documental da realidade social. Como novo caminho, propõe a utilização da imagem como uma narrativa visual que informa o relato etnográfico com a mesma autoridade do texto escrito. A partir de seu trabalho de campo com artesãos do vale do Jequitinhonha, em Minas Gerais, demonstra como a fotografia, além de registrar e documentar, pode auxiliar os atores sociais a interpretar as transformações ocorridas na sua vida social e cultural.

A elaboração de um audiovisual científico no campo das ciências sociais e as condições de sua realização fundamentam o artigo “Caleidoscópio de imagens: o uso do vídeo e a sua contribuição à análise das relações sociais”, de Clarice Peixoto. Apontando para a importância de um trabalho prévio de definição e problematização sobre “o que, por que, como, para que e para quem filmar, videografar, fotografar”, a autora rompe com as abordagens tradicionais que utilizam a imagem meramente como ilustração para atribuir-lhe um significado de conteúdo antropológico.

Ana Maria de Niemeyer, em “Um outro retrato: imagens de migrantes favelados”, relata a pesquisa que desenvolveu ao longo da década de 1970 em uma favela da periferia de São Paulo para discutir a representação do ideal de casa dos moradores desse núcleo urbano, formado basicamente por migrantes nordestinos. Para tanto, além das fotografias produzidas durante o seu trabalho de campo, utiliza-se de fotografias e desenhos realizados pelos próprios moradores.

A última parte do livro, “Vídeo, etnografia e comunicação intercultural”, é constituída de artigos, como nos informa a introdução da coletânea, “baseados em experiências de produção de mídia audiovisual, seja como meio de divulgar resultados de pesquisa, seja com o intuito de intervenção político-cultural”.

Em “Nos bastidores de um vídeo etnográfico”, Andréa Cardarello, Cláudia Fonseca, Nuno Godolphim e Rogério Rosa relatam sua experiência na produção do vídeo *Ciranda, Cirandinha – Histórias de circulação de crianças em*

grupos populares, para refletir “sobre as frustrações e os desafios enfrentados por cientistas formados na tradição da escrita que dão seus primeiros passos no mundo da antropologia visual.”

Outro exemplo de experimentação é o artigo de Bela Feldman-Bianco, “(Re)construindo a saudade portuguesa em vídeo: histórias orais, artefatos visuais e a tradução de códigos culturais na pesquisa etnográfica”, que utiliza sua experiência na produção do vídeo *Saudade* para discutir as relações, diferenças e complementaridades entre o texto etnográfico escrito e a etnografia visual, reforçando a mediação entre os vários modos de apresentação de imagens e suas leituras.

Finalizando, Dominique Gallois, em “Antropólogos na mídia: comentários acerca de algumas experiências de comunicação intercultural”, toma como referência o projeto “Vídeo nas aldeias”, desenvolvido pelo Centro de Trabalho Indigenista/CTI, uma organização não-governamental, para propor uma mudança de comportamento do cientista social: para além de utilizar o audiovisual como método de pesquisa e produção de conhecimento antropológico, é preciso discutir o uso de agentes visuais como meio de difusão de um conhecimento produzido em razão da comunicação intercultural.

Como toda coletânea, *Desafios da imagem* apresenta artigos desiguais e por vezes redundantes, como pode ser observado na eterna discussão, recorrente na maioria dos artigos, sobre o caráter de representação da realidade contido nas imagens. A clássica discussão sobre a pretensa objetividade da imagem, que se desenvolve em diversos campos do conhecimento humano – comunicação, ciências sociais, história etc. – desde a década de 1970, é muitas vezes apontada como uma grande descoberta por alguns autores.

No entanto, a leitura da coletânea é estimulante por tratar-se de um painel do estado da arte do debate sobre as novas estratégias metodológicas para o ensino e a pesquisa em ciências sociais a partir do trabalho com as diversas formas de visualidade contemporânea. Além disso, revela as certezas e incertezas presentes no mundo das ciências sociais diante do desafio das novas formas de expressão dos conflitos, das sociabilidades, das subjetividades, enfim, de tudo aquilo que expressa a tensão proveniente da crise dos paradigmas.